



O LUGRE

B e r n a r d o S a n t a r e n o

BERNARDO SANTARENO



O LUGRE

PEÇA EM 6 QUADROS

EDIÇÕES ÁTICA
LISBOA

Personagens:

ALBINO, a quem chamam «o Marreco»: feio, um pouco corcunda — 40 anos.

MIGUEL, «verde»: frágil e belo — 17 anos.

ZÉ SOL: moreno, forte e belo — 25 anos.

TÓ VERDE: loiro, forte e belo — 25 anos.

TI' JOÃO DAS ALMAS, contramestre do lugre: homem de respeito — 60 anos.

ZÉ ESPADA, «primeira linha» — 35 anos.

TÓ MARIA, «primeira linha» — 34 anos.

CAPITÃO, alto, dominador — 50 anos.

IMEDIATO — 30 anos.

TOINO NAZARENO — 20 anos.

PESCADORES	{	Maduros — 10 a 12.
		Verdes — 5
		Moços — 5

LOCAL DA ACÇÃO: Mares da Terra Nova, Grande Banco.

ACTUALIDADE

Nota:

VERDE: pescador jovem que vem, pela primeira vez, à pesca do bacalhau.

MOÇO: rapaz que não pesca, fazendo os vários trabalhos de bordo.

MADURO: pescador feito, experiente.

PRIMEIRA LINHA: o melhor, entre os maduros.

1.º QUADRO

CENÁRIO: *Um velho e pequeno lugre de três mastros, com costado de madeira. A cena mostra um corte longitudinal do veleiro, tanto quanto possível completo. Far-se-á coincidir o pavimento do convés com o do palco. Proa à direita, popa à esquerda dos espectadores: ver-se-ão assim, sucessivamente da esquerda para a direita, o triângulo (pequena vela aberta), o mastro da mezena, o da vela grande e o traquete, estes três grossos mastros de madeira (visíveis até à maior altura consentida pelas dimensões do palco) ligados entre si por um outro disposto horizontalmente, ao longo do navio, cerca de 1,5 m. acima do convés. Velas enroladas. Ao centro, encostados à amurada do navio, estão os quetes para o bacalhau acabado de pescar: mais não são que toscas divisões de madeira. Num plano um pouco mais elevado, para o lado da popa, duas altas pilhas de dórís (pequenos botes de madeira, pintados de verde, com dísticos variados e ingênuos escritos a tinta preta: «Jesus acompanhe-me», «Com o amor de Irene serei feliz», «Ricos filhinhos», «Virgem Maria traga-me nas palminhas», etc.). Mais à esquerda, à ré, o leme de madeira, situado ao ar livre. Na proa, à direita, o molinete, tendo caída ao lado uma amarra grossíssima de corda. Duas escadas praticáveis (só os primeiros degraus), uma à proa e outra à popa, dando respectivamente acesso ao rancho e beliches dos pescadores e aos alojamentos dos oficiais, estas dependências colocadas abaixo*

do nível do convés e, portanto, invisíveis para os espectadores. Em plano mais elevado, ao centro, uma escotilha que dá para o porão, onde o peixe é guardado.

Pancadas de Molière. Sala escura. Durante um minuto, com o pano ainda descido, ouvem-se os ruídos do vento, do mar bravo e da sereia do navio, além dos gritos dos homens que hão-de ser aflitos, vibrantes e, de quando em quando, perceptíveis: «Rema! Rema!...», «Jesus, Jesus Senhor!...», «Agora, agora, Toíno!...», etc.

Ergue-se o pano. O lugre está fundeado. Vê-se subir do mar, puxado por grandes cordas accionadas num sistema de roldana, o penúltimo dos dóris que, na madrugada do dia em que começa o drama, tinha «arriado», quer dizer, saído para a pesca. O último bote da companhia (cada dóri é tripulado por um só homem) está ainda lá fora, no oceano, em perigo mortal, lutando contra um mar de «brisa», violentíssimo. Toda a tripulação, pescadores e oficiais, está debruçada na borda do navio, comentando em alta grita as tentativas do naufrago para alcançar o lugre: brados de estímulo, invocações religiosas, gestos de desespero, corridas desordenadas; dois rezam ajoelhados. A curtos intervalos, ouve-se a sereia do navio. Vento rijo. Sempre, o grito das gaivotas. Por vezes o mar galga a amurada do veleiro, molhando os homens, que vestem todos as roupas oleadas (chapéu, casaco e saia, de cor amarela, verde ou preta) usadas pelos pescadores bacalhoeiros nas fainas da pesca e da escala (amanho do peixe); calçam botas altas de borracha negra. Nos quetes, algum bacalhau recém-pescado. Céu negro. Névoa densa. Cai o «snow». São cinco horas da tarde.

CENA I

TODOS

(Sincopadamente.) Rema! Rema! Rema! Rema!
Rema!...

IMEDIATO

Atirem-lhe uma corda... Agora, agora já!... *(Um pescador sai, a correr, da borda do lugre.)* Mexe-te, alma do diabo! *(Sempre seguindo as evoluções do bote, lá fora, no mar:)* Então essa corda?... Deita agora... vá, atira! *(O Pescador executa.)*

ALGUNS PESCADORES

(Para o naufrago.) Agarra, Toino! Agarra, agarra!... Agarra, Toino!...

TODOS

Rema! Rema! Rema! Rema!...

CAPITÃO

(Cuja voz domina o tumulto.) Zé Sol! Ó Zé Sol!
Experimenta com o bicheiro?!... *(Precipitadamente,*

Zé Sol vai buscar uma longa vara terminada por gancho forte e, desesperado, tenta prender com ela o bote perdido.)

TODOS

Rema! Rema! Rema!...

ZÉ SOL

(Violentemente debruçado para o mar.) Está longe... não chego lá... está muito longe... (Com fúria:) Rema, Toino! Rema, rema!...

TODOS

Rema! Rema! Rema!...

TÓ VERDE

Agarrou a corda! Vejam, vejam... Eh, gentes, agarrou a corda! *(Gargalhada feroz, batendo as palmas.)* Está safo! O Toino está safo!! *(Violência:)* Rema, rema!

(Uma vaga gigantesca passa a amurada e encharca os homens.)

MIGUEL

(Freneticamente agarrado à borda do navio, com

1.º QUADRO, CENA I

ambas as mãos; os olhos presos, pelo terror, no mar.)
Jesus! Ai, Jesus!...

ZÉ SOL

Voltou-se o bote! Voltou-se o bote!... (*Gritaria, corridas, desordem: é o auge do tumulto.*)

VOZES

Acudam!... Ai, minha rica Nossa Senhora!...
Acudam, acudam!... Senhor dos Navegantes, valei-
-lhe!... (*Ouve-se a sereia do navio.*)

CAPITÃO

(*Dominando tudo.*) Nada, Toino! Nada, nada!...

TODOS

Nada! Nada! Nada!...

CAPITÃO

Uma bóia... atirem-lhe uma bóia! (*Corridas.*)
Eh, com mil raios, então essa bóia?! (*Um Pescador*
arremessa a bóia para o mar.) Agarra, Toino!
Agarra! Agarra!...

O LUGRE

TODOs

Agarra! Agarra! Aguenta-te, Toino!... Nada, nada, nada!...

CAPITÃO

Arriem a baleeira! (*Gritos, corridas.*) Vais tu, Tó Maria e tu, Zé Espada... Depressa, filhos dum cão!!...

TODOs

Agarra, Toino! Nada! Nada! Nada!... (*Tó Maria e Zé Espada estão já dentro da baleeira, esta pronta a ser descida para o mar, pelo referido sistema de cordas e roldanas.*)

CAPITÃO

(*Para os da baleeira: grito rouco, terrível.*) Arriando, com Deus! (*A baleeira desce para o mar.*)

CENA II

TODOS

Remem! Remem! Remem! Remem!... *(De novo a sereia.)*

ZÉ SOL

Apanhou a bóia! Já tem a bóia!...

TÓ VERDE

Aguenta-te, Toino! Aguenta-te!...

TODOS

Remem! Remem! Remem!

IMEDIATO

Força, Tó Maria! Rema, Zé Espada!

TODOS

Remem! Remem! Remem!... *(Novamente uma vaga do mar inunda o convés. Então o Albino — que*

durante toda a cena anterior tem estado encolhido, aterrorizado, por vezes com as mãos postas — cai de joelhos e reza, o rosto sujo de lágrimas e de ranho. A correr, Zé Sol tropeça nele.)

ZÉ SOL

(Empurrando Albino com o pé.) Fora daqui!... *(Com desprezo, retomando a corrida:)* Peixe podre! Mulherengo!... *(Já debruçado na amurada, para o mar:)* Rema, Tó Maria! Rema, Zé Espada!... Rema! Rema! Rema!... *(Albino deixa-se cair inteiramente no convés e, cobrindo a cabeça com as mãos, soluça desesperado.)*

TODOS

Remem! Remem! Remem!...

TI' JOÃO DAS ALMAS

Ai, que ele vai p'r'o fundo! Largou a bóia, largou-a... *(Com a voz estilhaçada, a olhar para o céu e prolongando muito o grito:)* Senhor Jesus dos Navegantes, valei-lhe! Ai, Jesus!!...

VOZES

Não pode mais, não pode mais!... Que é dele?...

Já não se vê, já não se vê!... Onde está ele, onde está?...

CAPITÃO

(Em fúria, lágrimas.) Remem! Remem! Agarrem-no, agarrem-no agora!...

TODOS

Remem! Remem!

TÓ VERDE

Voltou à tona d'água... ali... lá está ele!

CAPITÃO

(Feroz.) Força, agora! Remem!!

TODOS

Remem! Remem! Remem!

TI' JOÃO DAS ALMAS

Agora, agora!: Agarrem-no, por amor de Deus!...
(Silêncio expectante de todos.) Apanharam-no! Apanharam-no!

VOZES

Está safo! Está safo! (*Albino, indeciso, levanta-se e vem ver à amurada.*)

CAPITÃO

(*Entusiasmo, esperança.*) Força, Zé Espada! Força, Tó Maria! Força, valentes!...

ZÉ SOL

(*Cujo riso de violência esfria; a medo.*) Olhem p'r' aquilo: o Toino Nazareno não dá acordo de si?!...

MIGUEL

(*Que se aproximou de Zé Sol: ansioso.*) Está morto?... (*Num grito, a chorar infantilmente, puxando com frenesim o braço de Zé Sol:*) Está morto... ele já está morto, Zé Sol!!?

ZÉ SOL

(*Brutal, afastando Miguel.*) Larga! Larga daqui! (*Uma nova onda vem cobrir os homens.*)

CAPITÃO

(*Dominando tudo.*) Atirem as cordas! (*Para o mar:*) Amarra as bossas, Zé Espada!: Isso... assim...

1.º QUADRO, CENA II

isso mesmo! (Para dentro, para os da manobra:) Icem, icem a baleeira! (Os homens executam: o barco surge ao nível da amurada. Tó Maria e Zé Espada, encharcados, esplêndidos de energia, saltam logo para o convés e, com a ajuda de mais Pescadores, retiram da baleeira o corpo inerte e cianosado de Toino Nazareno, estendendo-o sobre o pavimento do navio. O Capitão despe o casaco oleado e começa, raivosamente, a fazer-lhe a respiração artificial. À volta, todos os Pescadores.)

CENA III

MIGUEL

(Um pouco à parte do grupo, com Albino: transido, voz íntima, gelada.) Está morto, ti' Albino... o Toino Nazareno está morto!...

ALBINO

(Medo.) Cala-te, rapaz, cala-te p'r' aí! Não sejas agoirento...

MIGUEL

(Obstinado, olhando o mar.) Está morto, ti' Albino, eu sei que ele está morto: Mal lhe botei a vista em cima, ali na baleeira, eu senti uma coisa aqui... *(crispa os dedos sobre o coração.)* uma coisa fria... mais fria, ti' Albino, mais fria!...

VOZES

Está morto!... Morreu, morreu!... Deixem-lhe o corpo em paz... Está morto!

CAPITÃO

(Desesperado, levantando-se dum salto, investe.)

Calai-vos! Calai-vos já, ou esborracho um, a pés juntos! Filhos dum cão... (*Debruça-se para auscultar o coração de Toino Nazareno: volta à respiração artificial. De novo, uma volta do mar galga a amurada.*)

TI' JOÃO DAS ALMAS

(*A chorar, para o oceano.*) Ah, mar!, mar ruim, mar traiçoeiro! Não há pior matador que tu, não há pior vida que a vida dum pescador! (*Voz embargada:*) Era tão novinho ainda! Um mocito, um mocito... (*Nova onda sobre o convés.*)

TÓ VERDE

(*Para o mar, agressivo, avançando um passo.*) Mar ruim!... (*Cospe-lhe, com ódio.*)

ZÉ SOL

(*Idem.*) Mar desgraçador! Mataste-me o pai, mais dois irmãos...: bebe-me a mim também, anda! Só falta eu, agora só falta eu... Ah, mar malvado!

VOZES

(*Mais fortes.*) Está morto, já está morto!... Deixem-no, deixem-no!... Morto! Morto! Morto! (*O Capitão continua, obstinadamente, a fazer a respiração artificial, sempre, até à descida do pano.*)

1.º QUADRO, CENA III

MIGUEL

(*Hirto.*) Ah, ti' Albino, ti' Albino?... Eu cá tenho medo...

ALBINO

Vai p'r'o beliche, rapaz...

VOZES

Morto! Morto!... Está morto!...

MIGUEL

(*Explodindo, aos gritos, a soluçar.*) Tenho medo! Eu cá tenho medo do mar!! Tirem-me daqui! Tirem-me deste navio, por amor de Deus!...

VOZES

(*Em redor do náufrago.*) Deixem-no, não o martirizem mais!... O Toino Nazareno está morto!... Morto, morto, morto!...

MIGUEL

(*Calafrio.*) É a primeira vez que vejo um morto... a primeira vez!... Eu tenho medo do mar, ti' Albino!, eu tenho medo...

O LUGRE

ALBINO

(Como que protegendo Miguel do mar, abraçando-o.) Cala-te, Miguel! Cala-te, filho!: Olha que o mar pode ouvir-te... Quando ele sabe que a gente tem medo, é pior... É pior, Miguel, digo-te eu... (*terror:*) Mata-nos, Miguel, mata-nos! Espreita-nos, não nos larga... Isto é verdade, verdadinha, Miguel! Nunca lhe digas que tens medo, nunca, nunca!...

VOZES

Está morto! Morto, morto, morto!... (*Outra vez o mar galga sobre o convés.*)

TÓ VERDE

(*Investindo.*) Ah, mar ruim!...

ZÉ SOL

(*Idem.*) Matador! Mais seco te veja eu, que terras do Alentejo!... Mar ruim, mar ruim!

VOZES

Mar ruim! Mar ruim! Mar ruim!... (*Outra vez a sereia do navio, enquanto o pano desce.*)

FIM DO 1.º QUADRO

2.º QUADRO

CENÁRIO: O mesmo do quadro anterior. É a manhã do dia seguinte. Névoa fina, mas cerrada. Mar calmo. Frio intenso. Lugre fundeado, botes empilhados. Ao subir o pano, Zé Sol, Tó Maria e Zé Espada, com mais três Pescadores, levantam uma espécie de estrado, no meio do convés, junto da amurada.

Albino, sentado sobre a escotilha do porão, coloca anzóis na longa linha do aparelho de pesca. Miguel, ajudado por dois Moços, lava o convés. Trabalham em silêncio. De quando em quando, o grito das gaivotas.

Neste quadro, os homens vestem camisolas de lã, ou camisas berrantes de xadrez, e calçam botas altas (às vezes, grossas meias bordadas de lã e tamancos).

«O Lugre», que a Comissão de Leitura do Teatro Nacional D. Maria II seleccionou por unanimidade, foi escolhido pela Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro para inaugurar a época de 1959-60 naquele teatro, e teve a seguinte distribuição:

ALBINO	Raul de Carvalho
MIGUEL	João Mota
ZÉ SOL	José de Castro
TÓ VERDE	Varela Silva
TI' JOÃO DAS ALMAS	Luís Filipe
ZÉ ESPADA	Paiva Raposo
TÓ MARIA	Jacinto Ramos
CAPITÃO	Erico Braga
IMEDIATO	Tomás de Macedo
COZINHEIRO (Zé Robalo)	Alberto Ponces
MANEL CRUZ	Carlos Gonçalves
1.º PESCADOR (Ti' Manel Ova)	Manuel Correia
2.º » (Zé Grilo)	Júlio Cleto
3.º » (Chico Petinga)	Alfredo Amaral
4.º » (Ti' Louvado)	José Cardoso
5.º » (Florindo)	António Machado
6.º » (João Ramalhete)	Henrique Viana
7.º » (Manel Bailão)	Jorge Sousa Costa
8.º » (Manel Moço)	Fausto Azevedo
9.º » (Cara Dura)	Carlos Rosa
1.º MOÇO (Zé Solha)	Beja Filipe
2.º » (Manel Rito)	Alberto Alexandre
TOINO NAZARENO	N. N.

Cenários de Lucien Donat, com assistência de Jorge Brandeiro

Encenação de Pedro Lemos

Direcção geral do espectáculo de Amélia Rey Colaço

